

**Homero. *Odisseia* (tradução de Frederico Lourenço). Lisboa, Livros Cotovia, 2003, 399 pp. [ISBN 972-795-060-4].**

O leitor de língua portuguesa pode finalmente dispor de uma excelente e fidedigna tradução de um dos textos primaciais da literatura ocidental, a *Odisseia* homérica, uma obra-prima do nosso património cultural que perpassou os tempos e ficou para sempre gravada no nosso imaginário. Éramos talvez o único país da Europa que não dispunha de uma tradução actualizada e feita directamente do grego, da epopeia homérica, consagrada ao *nostos* de Ulisses.

Professor de Grego da Faculdade de Letras Universidade de Lisboa, Frederico Lourenço, a quem se deve esta magnífica versão portuguesa da *Odisseia*, é um helenista de mérito reconhecido, responsável pela tradução crítica de duas tragédias de Eurípides — *Íon* e *Hipólito* (Lisboa, Colibri, 1994 e 1996) — além de autor de uma já notável obra ficcional, inaugurada com o romance *Pode um Desejo Imenso* (2002), o primeiro de uma trilogia que viria a completar-se com a publicação de *O Curso das Estrelas* (2002) e de *À beira do Mundo* (2003). Não é portanto de estranhar que estejamos perante uma tradução que reescreve a poesia dos versos homéricos num estilo heróico e cadenciado, em que o conhecimento científico da língua grega antiga se conjuga com a mestria poética com que se maneja a língua portuguesa, reflectindo-se na riqueza da dicção, na harmonia de ritmos, na variedade de tons, até na integração de saberes e olhares que, apesar de distantes, ainda nos surpreendem e desafiam.

No Prefácio que antecede esta “nova tradução da *Odisseia*”, Frederico Lourenço explicita os seus dois principais objectivos: “colmatar uma lacuna evidente” no panorama editorial português, e “devolver ao leitor de língua portuguesa o prazer do texto homérico” (p. 7). Informa ainda que a tradução se baseia no texto crítico fixado por T. W. Allen, e que se pretende, sempre que possível, fazer “corresponder a cada verso grego um verso português” (p. 9). No anseio de aproximar o leitor da “dimensão ‘performativa’ de uma emissão/recepção do poema” (p.8), foram assinaladas com espaços em branco as possíveis “pausas retóricas”

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 6 (2004)

que o aedo faria no decurso da sua recitação, o que criou “a ilusão de o poema estar dividido em estâncias” (p.8). A ausência de notas de cariz filológico foi uma opção do tradutor, com o objectivo de não comprometer “o enlevo e a comoção que se querem indissociáveis da experiência de ler/ouvir a história do retorno de Ulisses”, e para que a tradução pudesse ser lida “pelo gozo de ler” (pp. 7-8).

A anteceder a tradução, Frederico Lourenço introduz, com notável acuidade, alguns dos tópicos essenciais que caracterizam a infundável ‘questão homérica’: a problemática relacionada com a autoria, a composição e a datação do poema. Um poeta chamado ‘Homero’ é tradicionalmente considerado como o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, mas desde a Antiguidade Tardia se conjectura se as epopeias não teriam autorias diferentes. No concernente à cronologia, se para a *Ilíada* a segunda metade do século VIII a.C. é considerada como a hipótese de datação mais aceitável, para a *Odisseia* existe menor consenso, e as várias teorias cobrem um período mais dilatado que pode ir até ao século VI a. C. Em termos composicionais, o material díspar que o poeta reuniu, a aparente falta de unidade temática, as incoerências e repetições próprias de uma poesia de tradição oral, as interpolações ou as sofisticadas técnicas narrativas utilizadas, constituem alguns dos temas aflorados nesta introdução. Mas porque a “*Odisseia* é, também à sua maneira, um milagre” (p.13) e pode ser lida à margem desses problemas, Frederico Lourenço transporta o leitor para os meandros do poema, evocando alguns dos episódios mais emblemáticos (e.g.: a teia de Penélope, as Sereias, o Ciclope, Cila e Carídbis, o estratagema do cavalo de madeira, a Feácida, o encontro de Ulisses e Penélope) e, como não podia deixar de ser, a grandeza humana do lendário herói “astuto que tanto vagueou” e “que muito sofreu” no regresso a casa — Ulisses. Completa esta magnífica introdução, uma breve referência, mas pertinente, a alguns testemunhos da influência exercida pela *Odisseia* no panorama da literatura universal.

Surge então a tradução em verso, fiel ao original grego, onde é visível uma perfeita e harmoniosa adequação do sentido à forma. Atento

ao mais pequeno pormenor estilístico, aos matizes semânticos dos vocábulos, ao ritmo e à musicalidade dos versos, Frederico Lourenço revela-se um tradutor profundamente conhecedor do original e com uma extraordinária capacidade poético-literária de vertê-lo, de uma forma expressiva e dúctil, numa língua tão diferente e tão distante como o é a língua portuguesa. O aspecto mais visível para o leitor comum será talvez a eloquência sóbria e subtil com que se vertem para a língua portuguesa as complexas fórmulas homéricas e a maleabilidade como se manejam os versos encavalgados — um recurso muito utilizado pela épica —, de forma a urdir a unidade sintáctica e semântica que transita de um verso para outro. Ao rigor e à preocupação de clareza, acresce um intuito conseguido de reproduzir, nos seus matizes e efeitos variados, o estilo heróico, vívido e harmónico da narrativa homérica.

Há portanto que congratularmo-nos com o aparecimento desta publicação — que merecidamente acabou de granjear ao A. o prestigiado Prémio Dom Diniz, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus —, porque ela constitui um verdadeiro acontecimento cultural, digno das palavras mais encomiásticas, não devendo por isso passar despercebida aos estudiosos da literatura grega, nem a todos aqueles que por ela se interessam.

MARIA FERNANDA BRASETE

**Sófocles, *Tragédias* (prefácio de Maria do Céu Fialho, introduções e traduções do grego por Maria Helena da Rocha Pereira, Maria do Céu Fialho e José Ribeiro Ferreira), Coimbra, Edições Minerva, 2003, 639 pp., 29 estampas [ISBN: 972-978-090-2].**

Para assinalar os 2500 anos do nascimento de Sófocles, o Instituto de Estudos Clássicos, conjuntamente com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e o FESTEIA-Festival de Tema Clássico, promoveu a publicação da tradução da obra completa do teatro de Sófocles, com o patrocínio de “Coimbra 2003 — Capital Nacional da Cultura”.